

As Pandemias do Passado e a Covid-19: Questões Sociais que Perpassam o Tempo

Pandemics of the Past and COVID-19: Social Issues that go Through Time

João Ferreira Sobrino Junior^{a*}; Cristina de Cássia Pereira Moraes^a

^aUniversidade Federal de Goiás. GO, Brasil.
E-mail: joffersoj07@hotmail.com

Resumo

O objetivo desta pesquisa é levantar questões semelhantes e diferenças entre as pandemias através da história e a Covid-19, destacando as relações com a sociedade ao qual acomete. Para responder a tal cenário se dispôs de pesquisa bibliográfica e documental, a partir de jornais, artigos científicos e documentos oficiais, entre outros. E como resultado das similitudes das questões sociais se destacam: o distanciamento social; o negacionismo da doença; a culpabilização do “inimigo”; as “curas” milagrosas; e por fim, as *Fake News*. De outro lado, no escopo das diferenças se citam: a discrepância populacional e as transações comerciais que nos tempos contemporâneos ocorrem em um volume exponencialmente maior que no passado, aumentando o impacto global da pandemia sobre vários campos de atividade humana, como saúde, economia e educação. E por fim, a vigilância estatal presente nos tempos hodiernos, ao qual traz uma maior presença invasiva, pervasiva e de controle governamental na vida do indivíduo, principalmente, através das possibilidades advindas do avanço das tecnologias digitais. Conclui-se então que, historicamente, as pandemias trouxeram em seu bojo questões sociais que ainda estão presentes hoje em dia, refletindo positivamente ou negativamente tanto para o combate da disseminação da doença, como também no que se refere ao indivíduo e sua relação com o contexto social em que está imerso. Logo, compreender essas questões conexas e disruptivas existentes, nos contextos de pandemia durante a história, pode trazer subsídios ao enfrentamento deste cenário que desafia a própria existência humana.

Palavras-chave: Vigilância Estatal. *Fake News*. Sociedade. Negacionismo.

Abstract

The objective of this research is to raise similar issues and differences between pandemics throughout history and COVID-19, highlighting the relationship with the society to which it affects. To respond to this scenario, a bibliographic and documental research was used, based on newspapers, scientific articles, and official documents, among others. And as a result of the similarities of the social issues the following topics were highlighted: social distancing; the disease denial; the blaming of the “enemy”; the miraculous “cures”; and finally, the Fake News. On the other hand, in the scope of the differences it is mentioned: the population discrepancy and the commercial transactions that in contemporary times take place in an exponentially greater volume than in the past, increasing the pandemic global impact on various fields of human activity, such as health, economy, and education. And finally, the state surveillance present in modern times, which brings a greater invasive, pervasive and of government control presence in the individual's life, mainly through the possibilities arising from the advancement of digital technologies. It is conclude, therefore that, historically, pandemics have brought in their wake social issues that are still present today, reflecting positively or negatively both in fighting the spread of the disease, as well as regarding the individual and his relationship with the social context in which he is immersed. Therefore, understanding these related and disruptive issues existing in the pandemic contexts during history can bring us subsidies to face this scenario that challenges human existence itself.

Keywords: State Surveillance. *Fake News*. Society. Denialism.

1 Introdução

O homem desde tempos imemoriais convive em meio a seres visíveis e invisíveis e estes se apresentavam através de várias formas, inclusive por meio de enfermidades que o acometiam. Após certo tempo, o ser humano que vivia da caça e coleta e habitava nas cavernas, em pequenos grupos, sempre à procura de novas paragens com a finalidade de suprir suas necessidades básicas, não deixava de se encontrar com esses conhecidos/desconhecidos vizinhos invisíveis aos quais o seu corpo ia adquirindo resistência, ao fortalecer seu sistema imunológico mesmo sem saber.

Então, com o desenvolvimento de ferramentas e certo

controle de elementos naturais como o fogo, o homem passa a buscar uma maior unidade ao viver em grupos maiores e buscando assim a cooperação mútua a partir de moradias fixas, com isso passa a estabelecer sociedades complexas. Sob esse contexto, uma ruptura do modo de viver errante passou a ser estabelecida por estes ancestrais e a possibilidade da vida em sociedade passa a ser mais corriqueira.

Em consequência a isso, o avanço de agentes causadores de doenças sobre maiores populações se tornou um fato mais rotineiro, muito embora seja de se destacar que a maioria dos vetores eram desconhecidos e as suas enfermidades eram atribuídos sentidos desconexos com a realidade, pois

eram baseados em credíncias. Sob esse cenário, tais agentes passaram a alcançar locais distantes de suas origens, em função de concentração dos indivíduos em sociedade e as relações comerciais que realizavam, acarretando assim, em pandemias que se alastraram por vários momentos da história humana.

As pandemias podem manter relações de semelhança e de diferença entre essas, pela forma a qual o homem dá sua resposta. Essas respostas podem estar vinculadas ao patógeno (bactéria, vírus ou fungos) ou mesmo às questões/ações-chaves que são implementadas em determinadas regiões isoladas ou em grandes extensões territoriais, de forma linear ou em determinados graus, sempre de acordo com a necessidade e até mesmo o conhecimento científico existente naquele tempo-lugar.

Entre algumas dessas pandemias se pode destacar a Peste Negra que se alastrou da Ásia menor até a Europa, principalmente, no século XIV, além da Gripe Espanhola - também chamada de mãe de todas as pandemias - que se disseminou pelo mundo no ano de 1918; e mais recente se tem a Gripe Suína que no ano de 2009 se propagou globalmente.

O objetivo do estudo visa levantar as questões semelhantes e as diferenças entre as pandemias através da história e a Covid-19, destacando as relações com a sociedade a qual acomete. Acredita-se que esse direcionamento contribuirá na compreensão do problema levantado que traz imbricações sociais atípicas, inerentes aos tempos de pandemias, e por assim ser, essas podem acarretar situações análogas mesmo em espaço temporal distinto. E com isso, este trabalho pode colaborar na construção de ações e políticas presente/futura para essa, como também para pandemias do porvir.

2 Desenvolvimento

2.1 Metodologia

A metodologia qualitativa deste artigo se fundamentou em pesquisa documental e revisão bibliográfica. Para Gil (2002), a pesquisa documental se assemelha muito à pesquisa bibliográfica, mas a diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes, pois se de um lado a pesquisa bibliográfica se fundamenta em contribuições de diversos autores aos quais já houve uma apreciação e validação por pares. A pesquisa documental “vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (p. 44).

Com fins a dar a resposta ao objetivo proposto que é levantar as questões semelhantes e as diferenças entre as pandemias através da história e suas relações com a sociedade a qual acomete, primeiramente, com base em artigos científicos, documentos e sites da internet foram pesquisadas algumas das principais pandemias da história e as ações das sociedades como forma de dirimir sua propagação, incluindo nesse bojo a Covid-19. E por conseguinte, são descritas e se discutem as similitudes e diferenças havidas a partir dessa

investigação inicial com propósito de responder ao objetivo da pesquisa.

2.2 As pandemias e suas imbricações sociais através da história

O distanciamento social não é algo novo para a humanidade, pois este é um instrumento utilizado há muitos séculos, com a finalidade de conter avanços de doenças infecciosas em determinada região. E dessa forma, a pandemia corrente não difere em muito de questões de distanciamento social aplicado a outras em séculos passados. O distanciamento social consiste na diminuição de interação entre as pessoas de uma comunidade para diminuir a velocidade de transmissão do vírus. É uma estratégia importante quando há indivíduos já infectados, mas ainda assintomáticos, sendo assim um meio utilizado para evitar a propagação do vírus. Esse distanciamento pode ser ampliado, ou seja, abranger toda população como também pode ser seletivo, assim, determinados grupos – normalmente, os possíveis mais afetados pela doença - fiquem em distanciamento (UFRGS, 2020).

No distanciamento social há progressões de restrição que partem do mais abrangente ao rígido, a partir da existência ou não de transmissão comunitária. O isolamento de indivíduos é uma medida que visa separar as pessoas doentes (sintomáticos respiratórios, casos suspeitos ou confirmados de infecção por coronavírus) das não doentes, para evitar a propagação do vírus. Também é importante destacar outro conceito bem presente na discussão que é o da quarentena. Nesse modelo há restrição de atividades ou separação de pessoas – de forma voluntária ou mandatória - que foram presumivelmente expostas a uma doença contagiosa, mas que não estão doentes (porque não foram infectadas ou porque estão no período de incubação). No entanto, caso tais mecanismos ainda sejam insuficientes para cessar a propagação da doença, recorre-se ao extremo do *lockdown*. Este é um modelo mais restrito de intervenção que ocorre em um grupo social maior, em uma cidade ou região por determinado tempo, no qual o perímetro abrangido se mantém isolado, conquanto as atividades essenciais de compras de mantimentos e remédio são normalmente preservadas. O *lockdown* não deve ser imposto aleatoriamente, tendo em vista sua restrição extrema, o que acarretará uma paralisação total das atividades, sendo assim, o *lockdown* deve ser determinado apenas pelas autoridades competentes do lugar, com possibilidades de sanção do indivíduo que descumprir as regras, se caso for (UFRGS, 2020).

Sob esse cenário é possível descrever várias similitudes entre as diversas pandemias da história, a começar pelas medidas das restrições de distanciamento em si, como também de características que permeiam o grupo social acometido, como: a negação, a culpabilização, as “curas” milagrosas e informações falsas (CALAIS; SARAIVA, 2020).

Sobre as medidas de restrição, começa-se pela pandemia

da peste negra no século XIV. Segundo entrevista dada por Stefan Cunha Ujvari ao programa “Na Trilha da História”, da Rádio Nacional FM (EBC, 2020), é relatado que nos tempos da Peste, as táticas de isolamento abordadas pelas cidades e pelos indivíduos com a finalidade de se evitar a doença, se caracterizaram em parar o comércio pelo receio de a doença entrar na cidade, e dessa forma se fechavam os portões, porém, a economia daquela cidade ia declinando. Dentro dos muros das cidades, as pessoas se isolavam em casa por conta do *miasma* - que seriam os gases venenosos que transportariam a doença -, fechando janelas e portas para que o vento não trouxesse esses males. E quando alguém morria, estes infelizes eram colocados nas portas para que carroças os levassem e fossem estes enterrados em vala comum, muitas vezes, de forma coletiva.

Tais restrições de saída, voluntária ou não, tinham suas razões, tendo em vista, no século XIV e nos séculos seguintes, a Peste Bubônica ser uma epidemia praticamente endêmica na Europa, que de tempos em tempos retornava, em algumas regiões, como no caso da florescente Veneza. A Peste atingiu a cidade, principalmente, por esta ser uma importante rota comercial, e assim nos séculos seguintes mais de 20 surtos entre 1361 e 1528 assolaram o lugar. Ademais, no contexto continental europeu - a Peste que se originou no Oriente - vitimou pelo menos um terço da população. É importante destacar, ainda, que muito embora referências a quarentenas de leprosos estarem dispostas na Bíblia, a origem mais atual está vinculada com a cidade de Veneza durante a Peste Negra, uma vez que o Mediterrâneo e suas principais cidades-portos (Gênova e Veneza) serem caminhos de entrada da doença para o restante da Europa (RAMOS, 2020).

Outro tempo pandêmico, que fez uso de medidas de distanciamento social foi da Gripe Espanhola. Bertucci-Martins (2003) destaca que se desencadeou entre 1918 e 1920, com um total de mais de 20 milhões de vítimas fatais pelo mundo e afetava o sistema respiratório – sendo certamente a mais mortal do século XX - e não coincidentemente, barcos eram postos em quarentenas em várias cidades do mundo, como havia sido nos tempos da Peste. A autora prossegue afirmando que no Brasil o Serviço Sanitário também fazia orientações quanto a quarentena com vistas a minimizar a propagação da doença, suspendendo reuniões esportivas e recreativas, missas, cultos e orações diurnas e noturnas em local privado ou não, teatros e cinemas fecharam as portas, como também as escolas públicas e privadas do nível primário ao superior, além de passeatas, jardins e apresentações pública.

Outras orientações visavam diminuir aglomerações ao indicar que apenas uma pessoa por família fizesse as compras necessárias para a casa. E até mesmo a proibição da venda dos “gelados” como forma de reduzir a doença, como se tais contribuíssem para a disseminação do agente causador da Gripe Espanhola.

Já no século XXI, entretanto, com bem menos intensidade houve a pandemia da Gripe Suína, o patógeno era parente

próximo ao que originou a Gripe Espanhola, no entanto, não tão letal, mas, muito contagiosa e fazendo vítimas, principalmente, entre os mais jovens, poupando os mais idosos (EBC, 2020). Nesse contexto, a Organização Mundial da Saúde – OMS, emitiu um alerta de pandemia para esta doença em abril de 2009. E no que tange as medidas de restrição tomadas nessas pandemias se pode citar que houve em diferentes regiões do mundo, diferentes formas de abordagem.

No México, local de onde se acreditava ser a origem da pandemia, o governo divulgou em todos os meios de comunicação medidas preventivas de higiene respiratória, assim como de distanciamento social, com fechamento das escolas, de restaurantes e lugares públicos. No Brasil, os autores prosseguem citando as primeiras providências contra a Gripe Suína que se baseavam na “higiene, isolamento, evitar locais fechados e manter o ambiente doméstico arejado e com luz solar. Todos os dias, os jornais apresentavam e repetiam as dicas de higiene e cuidados para evitar a gripe” (MACIEL-LIMA; RASI; BAGATELLI, 2015, p. 289).

Pelos três exemplos de pandemias anteriores (Peste Negra, Gripe Espanhola e Gripe Suína), e as formas de isolamento de cada uma dessas se percebe o sentido semelhante: de fechamento de lugares públicos; de isolamento em caso, de restrições e quarentena em barcos entre outras providências nesse sentido. Assim, o direcionamento das medidas de restrição na atual pandemia da Covid-19, também segue as mesmas orientações.

Para completar esse quadro de similitudes, o pesquisador Luiz Antônio Teixeira (2020) apresenta quatro características recorrentes nas pandemias: negação; culpabilização; “curas” milagrosas e informações falsas. Tais apontamentos são corriqueiros em tempos de pandemia, e assim, nesta também não tem sido diferente, desse modo, passa-se as suas descrições.

A negação ou mesmo a minimização dos fatos é característica marcante. Pode-se citar Carlos Seidl, Diretor de Saúde Pública do Governo Brasileiro na época da Gripe Espanhola (GOULART, 2005) e a negação do Presidente Venceslau Braz frente à pandemia que grassava em São Paulo e no Rio de Janeiro (TOMÉ, 2020). Outro fato nacional, e não mesmo importante, a “gripezinha” dita pelo Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro em referência a Covid-19 (RECUERO; SOARES, 2020). E por fim, também a ser destacado, que ocorreu na epidemia de cólera, no século XIX – no contexto Português - em que segundo Almeida (2011), a questão do negacionismo estava posta, pois se durante séculos de contágio foram defendidas as ações para mitigar esses males, o século XIX viu surgir uma geração de cientistas que negavam a eficácia das “quarentenas e dos cordões sanitários (especialmente na altura da epidemia de cólera de 1832), remetendo-o para o domínio do fantástico, absurdo e infantil” (p. 1063).

Sendo assim, se o indivíduo não pode simplesmente negar, achar um culpado para tal não seria tarefa difícil, pois

a culpabilização é direcionada a um povo, classe ou gênero tido como inferior ou do qual se quer denegrir. Sob esse aspecto, para aqueles, é racional culpar os judeus pela Peste Negra (REZENDE, 2009), a Espanha pela Gripe Espanhola (GOULART, 2005) ou os gays pela AIDS (BRITO; ROSA, 2018). Tal banalização é incrustada na sociedade a ponto de em programa televisivo de grande audiência – dos anos 1990 - ter cenas como de uma criança de uns dez anos participando de um jogo de charadas e ter a sua “piada” homofóbica relacionada à AIDS premiada como a melhor da tarde, e ainda receber um par de tênis por prêmio (TREVISAN, 2000).

As chamadas curas milagrosas são outro prato cheio nos jornais de épocas como da Gripe Espanhola, em que é dito nasceu a caipirinha (GOULART, 2005). Os aromatizantes para evitar os *miasmas* no século XIV, e nos dias de hoje, o Presidente Jair Bolsonaro instigando o uso de cloroquina como uma “cura” para a Covid-19, embora os especialistas alertassem para a falta de evidências sólidas da eficácia e os possíveis riscos do uso da droga (RECUERO; SOARES, 2020). E como curas baseadas em credices se têm fatos como nos dias atuais, um autodenominado pastor receitar feijões mágicos para a cura da Covid-19. Ademais, Ayvari (EBC, 2020) adverte que muitas dessas curas milagrosas fazem com que produtos sejam comprados e consumidos sem um controle, e por conta disso, cenários como a cloroquina sumir das farmácias no início da Covid-19 e nos tempos da Gripe Espanhola acabar nas mercearias, a cachaça, o alho e o limão, pela crença de que eram substâncias que preveniam a doença, são fatos que podem se repetir (EBC, 2020).

As informações falsas são hoje costumeiramente chamadas pelo termo inglês, *Fake News*, que é utilizado para se referir a falsas informações ou meias verdades que são divulgadas. Nos dias de hoje, essas são encontradas principalmente nas redes sociais, e nas pandemias anteriores através das vias impressas e do boca a boca. O uso de remédios típicos caseiros não era raro, como o quinino, caldo de galinha e limão para a cura da Gripe Espanhola (SANTOS, 2006, p. 136). Além disso, às pandemias eram atribuídos como causa: os cavaleiros vindos dos céus, a fúria divina, influência dos planetas e contaminação do ar e da água por ‘suspeitos’. E assim, estas eram respostas “plausíveis” que davam sentido às epidemias e ao cotidiano massacrado pelo horror na época da Peste Negra (SANTOS, 2006, p. 134).

E assim, não menos macabro de forma trans temporal, o gargarejo tal qual receitado com vinagre e limão na época da Gripe Espanhola, se disseminou nas redes sociais para cura do Covid-19 em pleno século XXI. Como também que o vírus foi criado em laboratório para disseminação e domínio da China, para justificar ideologias políticas daqueles que detinham o poder em diversos países. Tais absurdos foram de forma extenuante propagados por autoridades brasileiras, como por exemplo, o deputado federal Eduardo Bolsonaro. Essas declarações acarretaram questionamentos de Pequim e graves problemas diplomáticos para o país (FELLET, 2020).

Nota-se, portanto, que essa receita que agrega isolamento, negacionismo, curas milagrosas, culpabilização e *Fake News*, ao serem fermentadas, trazem o pânico e o temor dentro da sociedade. Muito embora, os disseminadores desse pânico – em sua maioria - nem sempre sejam ligados à ciência ou que estejam diretamente envolvidos no problema, e sim, aqueles voltados a “tirar dividendos do momento”, em que a ideologia, a conspiração e a política em uma perspectiva de futuro, são postas à mesa em detrimento da sensatez, da união e da informação para grande massa.

Sendo assim, lutar contra um inimigo chamado desinformação é parte do desafio de enfrentamento às situações extremas nas pandemias de todas as épocas, pois no momento em que os especialistas em saúde deixam de usar seus conhecimentos para a cura e passam a ter que “dispensar” seu tempo em desfazer mentiras ou mesmo para persuadir os governantes de que sigam os ditames técnicos, o caos caminha a passos largos sob a forma de “pilhas de cadáveres”. Dessa forma, os governos devem fortalecer entidades como imprensa e a ciência, primando assim pelo conhecimento e a informação fidedigna para o bem-estar de sua própria população.

Em contraponto a isso, um governo que não prima por tais fundamentos, em uma sociedade hodierna democrática, beira ao obscurantismo medieval e ao extremismo fanático pelo poder. Tudo isso implementado em tempos de globalização e alta tecnologia pode resultar em um produto nefasto, no qual a vida é – quando muito - só um número, e literalmente, não mais que isso, como é dito por Vladimir Safatle (2020) sobre o Brasil hodierno, no texto Estado suicidário:

Engana-se quem acredita que isto é apenas a já tradicional figura do necroestado nacional. Caminhamos para além da temática necropolítica do Estado como gestor da morte e do desaparecimento. Um Estado como o nosso não é apenas o gestor da morte. Ele é o ator contínuo de sua própria catástrofe, ele é o cultivador de sua própria explosão. Para ser mais preciso, ele é a mistura da administração da morte de setores de sua própria população e do flerte contínuo e arriscado com sua própria destruição. O fim da Nova República terminará em um macabro ritual de emergência de uma nova forma de violência estatal e de rituais periódicos de destruição de corpos. Um Estado dessa natureza só apareceu uma vez na história recente. Ele se materializou de forma exemplar em um telegrama. Um telegrama que tinha número: Telegrama 71. Foi com ele que, em 1945, Adolf Hitler proclamou o destino de uma guerra então perdida. Ele dizia: ‘Se a guerra está perdida, que a nação pereça’ (SAFATLE, 2020, p.1).

Acima foram citados os pontos de similitude entre as pandemias anteriores e a atual, agora serão destacadas as diferenças. Assim sendo, pontos destacam a atual pandemia do Covid-19 distinta das demais, e para isso, é possível citar três pontos relevantes: crescimento populacional, economia e impacto na sociedade. Em relação à população que nos tempos da Peste Negra era de aproximadamente 360 milhões, na Gripe Espanhola cerca de 1,6 bilhão, e hoje se aproxima dos 8 bilhões (UNISINOS, 2017). Tal panorama traz uma repercussão e dificuldade muito maior nas formas e no controle de distanciamento social, além de clara possibilidade

de conflito ser mais sensível de ocorrer.

No que se refere à economia, não há dúvida que as possibilidades de transações comerciais e que o volume dessas transações são absolutamente maiores que as existentes no século XIV ou no início do século XX. Sendo assim, esse reflexo será duramente sentido por essa considerável população, que terá que enfrentar perspectivas de uma recessão em meio e no pós-pandemia. E por fim, Uyvari (EBC, 2020) destaca que - não menos importante - é o vigor com que essa pandemia da Covid-19 aflige e repercute nos países e indivíduos, de forma concomitante. E como tal refletirá em todos os campos sociais, principalmente, no sistema de saúde, economia e educação.

Outro ponto a ser destacado nesta pandemia diferentemente das anteriores está relacionado com a tecnologia. No mundo hodierno, a tecnologia tornou a possibilidade de rastreamento de indivíduos uma realidade, algo impensável nos séculos XIV e início do XX, e isso repercutiu na vigilância estatal do indivíduo, sob a argumentação do coletivo sobre o individual. O receio maior é que entre a vigilância e o vigiar, a fronteira possa ser encarada com ténue. Um exemplo bem simples é que a partir de GPS (*Global Positioning System*) é possível determinar se há aglomeração em determinado local ou se a região, Estado ou país está aderindo ao isolamento, por meio da presença ou não de dispositivos móveis através de empresa de tecnologia de geolocalização (SAMOR, 2020) e, assim, até mesmo dirimir em tempo real a aglomeração. Dessa forma, o Estado realizar rastreamento de dispositivos móveis de indivíduos com a finalidade de proteção do coletivo sobre o individual, se torna “casuisticamente” justificado.

Tal qual a perspectiva foucaultiana, a vigilância no Estado hodierna está intimamente relacionada com seu poder de coerção, de controle. Um exemplo dado por Foucault (2001) ao citar sobre a forma como eram tratados os leprosos pela exclusão e os pestilentos (acometidos pela Peste Bubônica) pela quarentena, reforça esse pensamento:

Ora, vocês estão vendo que uma organização como essa [expulsão dos leprosos das cidades e quarentena aos acometidos pela peste] e, de fato, absolutamente antitética, oposta, em todo caso, a todas as práticas relativas aos leprosos. Não se trata de uma exclusão, trata-se de uma quarentena. Não se trata de expulsar, trata-se ao contrário de estabelecer, de fixar, de atribuir um lugar, de definir presenças, e presenças controladas. Não rejeição, mas inclusão (FOUCAULT, 2001, p.57).

Nos dias de hoje, muito obstante seja planejado o pensamento de que o uso da tecnologia seja um instrumento importante para o combate ao avanço da pandemia na sociedade, através de GPS, *smartphones*, câmeras de reconhecimento facial ou de temperatura, entre outros aparatos, deve-se ter certa cautela. Harari (2020) pontua que deixar a escolha entre a privacidade e a saúde, é uma falsa escolha que propicia ao cidadão, pois se pode usufruir das duas, sem ser necessário a instituição de regimes de vigilância totalitários, através de possibilitar mais poder ao cidadão.

No entanto, o autor prossegue externando que o extremo do uso totalitário pode estabelecer um direcionamento no qual se pularia do rastreamento “sobre o indivíduo” para o rastreamento “sob o indivíduo”. Nesse cenário, o Estado não estaria mais satisfeito em apenas saber o que o indivíduo corporalmente está sentindo, e sim, em um futuro próximo, até mesmo o que ele pensa. Assim, um dos grandes receios a essa invasão de privacidade temporária em tempos de pandemia de Covid-19, é simplesmente, o Estado manter esse controle indefinidamente e ser cada vez mais invasivo, sob argumentos de proteção à saúde e segurança do cidadão.

3 Conclusão

Portanto, o objetivo desta pesquisa que visou levantar questões semelhantes e diferenças entre as pandemias através da história e a Covid-19, destacando as relações com a sociedade a qual acometeu foi alcançado a partir da compreensão do que há muito já é realizado, como: as restrições de contato entre pessoas diretamente; bloqueio dos meios de transporte como barcos e aviões; através do distanciamento social (quarentenas; isolamento e *lockdown*).

Essas estratégias contra a expansão dos contágios apresentam similitudes entre as várias pandemias que o homem enfrentou em sua história, tanto no que tange às restrições de contato, como também em características imergidas dentro da sociedade, a qual está assolada pela doença, como no caso da: negação ou minimização da doença; culpabilização de outrem pela pandemia, sempre no sentido de estigmatizar, inferiorizar ou denegrir seu “inimigo”; da disseminação de “curas milagrosas” que, na maioria dos casos, o efeito é tipo placebo ou até mesmo, causa graves problemas, senão, a própria morte; e por fim, das notícias falsas, comumente conhecidas por *Fake News*, que além de desinformar, tendem a alastrar a histeria e o pânico na sociedade.

No que tange às discrepâncias entre a pandemia da Covid-19 e as anteriores (gripe espanhola, peste negra, entre outras), considera-se que hodiernamente se terá um maior impacto na sociedade, tendo em vista, a população, o comércio entre os povos e entre os indivíduos ser muito maior nos dias atuais do que nos outros tempos pandêmicos. Nesse sentido, é possível ter grandes dificuldades no controle, na prevenção e no combate à pandemia, principalmente pelos seus reflexos no campo da saúde, da economia e da educação. Além deste, podem ser realçadas as possibilidades e os temores existentes em sociedade, pelo desenvolvimento advindos da tecnologia digital ser utilizada pelo Estado na vigilância dos indivíduos, sob o subterfúgio do mote contra a pandemia. Muito embora, o controle sempre esteve presente no contexto pandêmico pelas diversas formas de governo ou domínio anteriores, em cada respectivo tempo histórico.

Como observações complementares se destaca que o enfrentamento à desinformação deve partir, não somente, mas principalmente dos governantes e, assim, trazer ao âmago

social a sensatez que deve reger o momento. Muito embora em tempos conturbados como de pandemias se destacam aqueles que reforçam essas desinformações, através de suas redes sociais, de suas ideologias ou mesmo em discursos obtusos. Outro ponto a ser citado, é que o receio de o Estado querer se aproveitar desta situação atípica de pandemia e impor esses mecanismos de vigilância sobre os indivíduos - indefinidamente - através de justificativas casuísticas.

Isto posto, considera-se que este estudo apresenta diversas contribuições, mas serão apontadas duas dessas que são vinculadas com as ciências humanas. A primeira é o estudo das relações sociais que se estabelecem no contexto desses tempos de pandemia, e como que tais mecanismos repercutem, de forma geral, os instrumentos de controle, de prevenção e de combate da doença. Podem ser citados, como exemplo, o distanciamento social. O segundo é a forma pela qual as desinformações são vinculadas no seio dessas sociedades, independentemente, do tempo e lugar, muitas vezes, por credices ou falta do conhecimento científico à época, muito embora, outras estejam mais alinhadas a um dolo ideológico, identitário ou partidário.

Por fim, conquanto se tenha alcançado o objetivo proposto nesta investigação se tem a realçar que as pesquisas acerca das relações existentes entre os contextos de pandemias não estão de forma alguma superados, pois há outras questões que orbitam esta temática e podem vislumbrar outros estudos. Tais questões, por exemplo, podem surgir a partir de diálogos mais específicos de contextos pandêmicos em determinada região no que tange aos seus reflexos quanto à economia ou educação do lugar. Ou mesmo, os avanços tecnológicos advindos desses cenários sombrios de pandemia. Desse modo, considera-se que se está apenas no início de uma longa caminhada...

Referências

ALMEIDA, M.A.P.D. A epidemia de cólera de 1853-1856 na imprensa portuguesa. *Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos*, v.18, n.4, p.1057-1071, 2011. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702011000400006>.

BERTUCCI-MARTINS, L.M. Conselhos ao povo: educação contra a influenza de 1918. *Cad. CEDES*, v.23, n.59, p.103-118, 2003. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622003000100008>.

BRITO, F.L.C.B.; ROSA, J.D.M. Os leprosos dos anos 80, câncer gay, castigo de deus: homossexualidade, AIDS e capturas sociais no Brasil dos anos 1980 e 1990. *Rev. Observatório*, v.4, n.1, p.751-778, 2018.

CALAIS, B.; SARAIVA, M.L. Da Peste Negra à Covid-19, quatro erros que se repetem em toda pandemia. 2020. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/educacao/historia/da-pestes-negra-a-covid-19-boatos-e-fake-news-se-repetem-em-cenarios-pandemicos/>. Acesso em: 27 jun. 2020.

EBC. Agência Brasil. Quarentena global é evento inédito na história das pandemias. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-04/quarentena-global-e-evento-inedito-na-historia-das-pandemias>. Acesso em: 11 maio 2020.

FELLET, J. O que se sabe sobre as principais acusações contra a China na pandemia. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52466295>. Acesso em: 11 maio 2020.

FOUCALT, M. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GOULART, A.D.C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. *Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos*, v.12, n.1, p. 101-142, jan/abr 2005.

HARARI, Y. N. Financial Times. the world after coronavirus, 2020. Disponível em: <https://www.ft.com/content/19d90308-6858-11ea-a3c9-1fe6fedcca75>. Acesso em: 11 mai 2020.

MACIEL-LIMA, S.M.; RASI, J.M.; BAGATELLI, R.C. A repercussão da gripe A (H1N1) nos jornais paranaenses. *Hist. Cienc. Saude-Manguinhos*, v.22, n.1, p.273-291, 2015. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702015000100016>.

RAMOS, D. Biblioteca Nacional. Quarentena e isolamento: a Peste Negra e a origem da quarentena em Veneza. 2020. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/quarentena-isolamento-pestes-negra-origem-quarentena>. Acesso em: 11 maio 2020.

RECUERO, R.; SOARES, F. B. O discurso desinformativo sobre a cura do Covid-19 no Twitter: estudo de caso. *E-campós*, 2021. doi: <https://doi.org/10.30962/ec.2127>.

REZENDE, J.M. À sombra do plátano: crônicas de história da medicina. São Paulo: Unifesp, 2009.

SAFATLE, V.P. Bem-vindo ao Estado suicidário. 2020. Disponível em: <https://arлиндenor.com/2020/03/27/bem-vindo-ao-estado-suicidario-vladimir-safatle/>. Acesso em: 12 maio 2020.

SAMOR, G. Índice de isolamento social. 2020. Disponível em: <https://brasiljournal.com/exclusivo-tecnologia-de-localizacao-mostra-isolamento-em-quase-60>. Acesso em: 11 maio 2020.

SANTOS, R.A.D. O carnaval, a peste e a 'espanhola'. *Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos*, v.13, n.1, p.136, 2006.

TEIXEIRA, L. A. Da peste negra à covid-19, quatro erros que se repetem em toda pandemia. *Esquinas*, 2020. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/educacao/historia/da-pestes-negra-a-covid-19-boatos-e-fake-news-se-repetem-em-cenarios-pandemicos/>. Acesso em: 11 maio 2020.

TOMÉ, F.C. Gripe espanhola e coronavírus: historiadores mapeiam semelhanças de como Brasil lidou com pandemias. *Jornal de Brasília*, 2020. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/brasil/gripe-espanhola-e-coronavirus-historiadores-mapeiam-semelhanças-de-como-brasil-lidou-com-pandemias/>. Acesso em: 11 maio 2020.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

UFRGS. Qual a diferença de distanciamento social, isolamento e quarentena? 2020. Disponível em: https://www.ufrgs.br/telessauders/posts_coronavirus/qual-a-diferença-de-distanciamento-social-isolamento-e-quarentena/. Acesso em: 11 maio 2020.

UNISINOS. Instituto Humanitas. O impressionante crescimento da população humana através da história. 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/566517-o-impressionante-crescimento-da-populacao-humana-atraves-da-historia>. Acesso em: 11 maio 2020.